



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - IEFES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROFESSOR DR. LEANDRO MASUDA CORTONESI

EVELINE GOMES DA SILVA

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DO SLACKLINE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

FORTALEZA

2018

EVELINE GOMES DA SILVA

**UMA PROPOSTA DE ENSINO DO SLACKLINE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física –
Licenciatura, da Universidade Federal do
Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Masuda
Cortonesi.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S579p Silva, Eveline Gomes da.
Uma proposta de ensino do slackline nas aulas de educação física escolar / Eveline Gomes da Silva. – 2018.
46 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Leandro Masuda Cortonesi.

1. Educação física escolar . 2. Esportes de aventura . 3. Slackline. I. Título.

CDD 790

FICHA DE APROVAÇÃO

EVELINE GOMES DA SILVA

**UMA PROPOSTA DO ENSINO DO SLACKLINE NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

APROVADO, em: 22 / junho / 2018.

Prof. Dr. Leandro Masuda Cortonesi – Orientador
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Prof. Dr. Leo Barbosa Nepomuceno
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Prof. Francisco Fontenele Santana da Frota
Escola Estadual Renato Braga.

Fortaleza – CE

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todo cuidado e todas as bênçãos que Ele tem me proporcionado e por me dar força nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais e minhas irmãs que apesar de todas as dificuldades sempre me apoiaram.

Ao meu namorado Levi por todo cuidado, amor e apoio quem tem comigo em todos os momentos.

Aos meus amigos Adrielle, Yara, Carla, Patrick e Leticia por todo apoio e força nos momentos difíceis e por toda alegria e aprendizado que compartilhamos.

Aos meus colegas de Pibid por todo conhecimento que compartilhamos, em especial ao Denister e ao Victor Hugo pela torcida no decorrer desse projeto.

Ao Prof. Dr. Leandro Masuda Cortonesi por possibilitar que esse trabalho fosse realizado.

Aos Professores Prof. Dr. Leo Barbosa Nepomuceno, Prof. Esp. Francisco Fontenele Santana da Frota e Prof. Dr. Eduardo Vinicius Mota e Silva.

A minha família e amigos.

A todos o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

O presente estudo é uma proposta de ensino do slackline nas aulas de Educação Física Escolar. Com o objetivo de proporcionar a vivência dessa modalidade esportiva aos alunos, além de verificar: a adesão dos mesmos, se foram capazes de equilibrar sobre a fita e a satisfação dos escolares. As aulas foram realizadas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Renato Braga, com alunos do segundo ano do ensino médio de três turmas do turno da manhã. Quanto à abordagem, a pesquisa se classifica como qualitativa onde foi empregada a metodologia da pesquisa ação. Nos resultados verificamos que mesmo com a hegemonia do futsal nas aulas de Educação Física Escolar é possível proporcionar aos alunos vivências com outros esportes. Todas as turmas mostram resistência quanto a prática de algo novo principalmente quando a proposta não envolve o futsal e nem o vôlei, mas o professor deve persistir e levar outros conteúdos e assim trabalhar outras manifestações da cultura corporal do movimento para além dos esportes coletivos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esportes de Aventura. Slackline.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	1
2.	OBJETIVOS.....	3
2.1	Objetivo Geral.....	3
2.2	Objetivos Específicos.....	3
3.	REVISÃO DE LITERATURA.....	4
3.1	Esportes de Aventura.....	4
3.2	Esportes de Aventura na Educação Física Escolar.....	6
3.3	Slackline.....	9
3.4	Equilíbrio.....	12
4.	MÉTODO.....	144
4.1	Tipo de pesquisa e ação.....	144
4.2	Participantes.....	144
4.3	Materiais.....	144
4.4	Procedimentos.....	155
5.	DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO.....	16
6.	RESULTADO E DISCUSSÃO.....	20
6.1	Adesão dos alunos durante as aulas.....	20
6.2	Capacidade dos alunos em manter o equilíbrio na fita.....	22
6.3	Satisfação dos escolares.....	23
7.	CONCLUSÃO.....	25
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
9.	APÊNDICE.....	31

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.

As aulas de Educação Física escolar têm grande importância no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Atualmente as pessoas estão muito ligadas a tecnologias, a televisores, computadores, celulares e jogos eletrônicos. Isso acontece não só com adultos, é frequente encontrarmos crianças e adolescentes que fazem uso desses equipamentos diariamente.

Para muitas crianças e adolescentes o único momento em que elas praticam alguma atividade física é no momento das aulas de educação física. Para Graça, Acco e Júnior “a prática da Educação Física é, cada vez mais, uma das possibilidades de manter um estilo de vida ativo, possibilitando uma melhoria na qualidade de vida das pessoas ” (2015, p. 40).

Freire (2006, p 24) afirma que a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina na escola, e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas. Assim, os esportes de aventura trazem uma nova proposta para as aulas de educação física, visto que:

Os professores tendem a abordar apenas aqueles conteúdos que possuem maior domínio, o que torna muitas vezes, as aulas de Educação Física restritas e vinculadas a esses esportes coletivos, deixando de lado outros componentes relevantes da cultura corporal (DARIDO; RANGEL, 2005, p.293).

As aulas de Educação Física Escolar têm um foco maior nos esportes coletivos, deixando de lado muitas outras possibilidades. Para Freire (2006) poderíamos falar em educação corporal como um dos objetivos a serem atingidos pela educação física. Portanto, é fundamental a ampliação do ensino de outras manifestações da cultura corporal de movimento para além do esporte, permitindo aos alunos a reflexão e a criticidade acerca das Práticas Corporais de Aventura (DARIDO et al, 2016). “A temática das atividades de aventura constitui um conjunto de práticas recentes dentro da área da Educação Física e podem acontecer sem diferenciação de gênero, habilidades motoras, questões culturais e/ou interesses competitivos” (TAHARA E FILHO, 2013, p.62).

Tenho atuado dentro da escola, desde 2016, trabalhando como professora de educação física, com crianças da educação infantil até o ensino médio, e percebi que na escola pública a prática focada nos esportes coletivos, por vezes, acaba gerando desmotivação por parte dos alunos, no que diz respeito às aulas práticas, e em alguns

casos acabam restringindo as aulas de educação física a prática do futsal e do vôlei, tornando-as repetitivas e desinteressantes. Diante disso o Slackline vem como uma proposta de levar algo novo para dentro da escola, dando oportunidade para que eles vivenciem um esporte que para muitos é desconhecido.

Tahara e Filho (2013, p. 63) defendem que, para ter sucesso na execução de uma atividade de aventura dentro da escola, é importante que o professor tenha um mínimo de conhecimento sobre o esporte abordado.

Os Esportes de Aventura, “geram conhecimento e suas vivências proporcionam sensações e experiências que atingem o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas” (FRANCO, 2008). Para Galvão, Rodrigues e Silva (2005), os Esportes de Aventura precisam ser abordados e discutidos na escola, pois eles permitem trabalhar as relações construídas a partir da compreensão com o fenômeno esportivo.

Para Tahara e Filho (2013, p. 62) as atividades de aventura dentro do ambiente escolar:

podem ampliar quantitativa e qualitativamente as vivências dos educandos, e assim possibilitar experiências práticas que conduzirão à aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, interligados com a importante abordagem das questões ligadas ao meio ambiente natural.

Assim o slackline pode proporcionar experiências significativas, emoção, desafio, melhora no equilíbrio e postura dos escolares. Neste sentido, o presente trabalho pretende proporcionar a vivência e a prática do slackline através das aulas de Educação Física Escolar e assim verificar se os alunos participaram mais ativamente das aulas.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a experiência do Slackline nas aulas de Educação Física Escolar.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar a adesão dos alunos durante as aulas propostas;
- Verificar o quanto os alunos foram capazes de equilibrar sobre a fita do Slackline;
- Avaliar a satisfação dos escolares em relação às aulas da modalidade.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Esportes de Aventura.

O termo Esportes de Aventura, surgiu no final dos anos 80, início dos anos 90 para designar esportes adultos como skydiving, surf, alpinismo, montanhismo, paraquedismo, hang gliding e bungee jumping, treading e mountain bike (AURICCHIO, 2009). Já a palavra “aventura” é originada do latim e significa “coisas a vir” ou “coisas que acontecerão”. Há indícios de práticas na natureza a bastante tempo, não eram vistos como os esportes que temos atualmente, muito menos com os conceitos que hoje são abordados, mas “os Romanos costumavam ir ao mar como opção de ócio e entre eles os esportes eram difundidos como diversão competitiva e dedicada aos deuses” (PIMENTEL, 2013, p. 690).

Na literatura encontramos vários conceitos para definir os Esportes de Aventura, esses conceitos são bem distintos, e variam de acordo com a visão e a percepção de cada autor, vale ressaltar que em relação a nomenclatura também varia de autor para autor, falaremos sobre as nomenclaturas mais a frente, será explicitado agora os conceitos dos autores a respeito do tema Esportes de Aventura. Dias (2001 apud PIMENTEL, 2013, p. 692) os Esportes na natureza são:

Um conjunto de modalidades cuja posição dentro do espaço esportivo mais geral corresponde a um jogo regulamentado realizado na natureza e assentado na proeza física, em que níveis variáveis de seriedade e ludicidade, cooperação e competição, amadorismo e profissionalismo, sensibilidade e insensibilidade ecológica, intervêm simultaneamente, variando de acordo com a perspectiva da atividade, mas sem nunca escapar a esse esquema geral.

Para Betrán (2003) define as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) como:

São práticas individuais que se fundamentam geralmente no deslizamento sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio dinâmico para evitar quedas e a velocidade de deslocamento, aproveitando as energias da natureza (eólica, das ondas, das marés, dos cursos fluviais ou a força da gravidade), constituem os diversos níveis de risco controlado nos quais a aventura se baseia (apud FRANCO, 2008, p. 21)

Marinho (1999), conceitua as Atividades de Aventura como:

(...) práticas alternativas e criativas de manifestação do lazer, que podem aqui ser exemplificadas pelos “novos esportes” que requerem a natureza como cenário principal para a sua realização (...) nos esportes de aventura o prazer é

mediado pelo risco, pela vertigem, marcando os limites da liberdade e da vida.
(p.68-71)

Schwartz e Marinho (2005) entende que as atividades de aventura são:

as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente, nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas - terra, água ou ar.

Os Esportes de Aventura existem a bastante tempo, porém nos últimos anos tem-se visto que eles vêm ganhando mais visibilidade, na escola, em cursos de formação de professores de educação física, nas mídias, nas praças dentre outros. O público que tem buscado a prática dos Esportes de Aventura, vai desde crianças a adultos.

Segundo Cássaro (2011, p. 15.) “As emoções do esporte estão interligadas nos próprios limites de cada indivíduo de vivenciar a emoção e descoberta do limite que cada esporte pode proporcionar”. Cada indivíduo acaba assim, identificando-se com um ou mais esportes. Essas emoções proporcionadas pelos esportes de aventura é muito pessoal. Pode ocorrer de determinado esporte proporcionar muitas emoções para uma pessoa, e esse mesmo esporte não proporcionar para outra.

Por lidarem com a imprevisibilidade, o desconhecido, a vertigem e as proezas heroicas os Esportes de Aventura propiciam um ambiente favorável para o desenvolvimento de habilidades, capacidades, comportamentos e compreensões. (GRAÇA, ACCO, JÚNIOR, 2015, p.41).

Para Schwartz (2005, apud GRAÇA, ACCO, JÚNIOR, 2015) defende que as vivências nos Esportes de Aventura podem influenciar as condutas humanas, agregando valores as pessoas que as praticam.

Galvão, Rodrigues e Silva ressaltam que os valores agregados podem também retratar uma nova dimensão do homem com a natureza:

O esporte de aventura sobretudo aquele realizado junto a natureza, representa mais uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações, como sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade, desencadeando atitudes de admiração, respeito e preservação. (2005, p. 183,184)

É importante destacar que os Esportes de Aventura, não são exclusivamente, praticados na natureza, eles podem também ser praticados em um ambiente urbano, além de caráter competitivo ou não, como veremos no decorrer do trabalho.

Há uma vasta opção de esportes de aventura, alguns autores defendem as classificações desses esportes. Segundo Franco há várias possibilidades de agrupamentos, tais como: tipo de impacto no meio ambiente; características motoras envolvidas; níveis de perigo; tipos e quantidades de equipamentos, tipo de energia envolvida, entre outras. (2008, p 39). Isso deve-se ao fato de que são inúmeras as modalidades.

Para Pereira (2010, apud CÁSSARO, 2011 p. 16), os esportes de aventura podem ser classificados quanto a sua ação e aventura, além do local da prática que pode ser aquático, aéreo, terrestre, misto e urbano. Por exemplo, o surf e windsurf (aquático e de ação), paraquedismo e voo livre (aéreo e de aventura), kite surf (misto e de ação) e o parkour (urbano e de aventura).

Betrán (2003, apud FRANCO, 2008, p. 40) classifica de forma bem simples os Esportes de Aventura, sendo divididos em três grandes meios, são eles terra, água e ar. Seguindo essa classificação temos os seguintes exemplos: terrestres (escalada, skate, esqui, caving), aquáticos (canoagem, rafting, mergulho, surfe, kitesurf) e aéreos (paraquedismo, bungee jump).

3.2 Esportes de Aventura na Educação Física Escolar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 171), enfatiza que a “Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social”. Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.52-56) afirmam que Educação Física deve trabalhar não só as habilidades motoras, mas também cognitivas, afetivas e sociais. Para isso é importante que o Professor tenha conhecimento a respeito das dimensões dos conteúdos, para levar ao seu aluno uma aula completa. Os alunos precisam entender o que estão fazendo e o porquê estão fazendo.

O professor deve saber o que ensinar e como ensinar, isso é fundamental para o desenvolvimento de uma boa aula de Educação Física Escolar. Pensando nisso é importante trabalhar as dimensões dos conteúdos. São três dimensões a serem trabalhadas, a dimensão conceitual ela trata dos conceitos a serem trabalhados para a compreensão do tema da aula é o que saber. A dimensão procedimental refere-se a como

aplicar o que foi abordado no conceitual, é o como fazer, e a dimensão atitudinal trada da questão de valores de atitudes, é o ser (NISTA-PICCOLO, MOREIRA, p.62-66; DARIDO, 2005, p. 64 a 67).

Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 176-179) faz uma divisão diferente das dimensões dos conteúdos, para ela são oito dimensões de conhecimento: experimentação, uso e apropriação, fruição, análise, construção de valores, compreensão, reflexão sobre a ação e protagonismo comunitário.

Os professores devem estar preparados, se apropriar dos esportes de aventura, mesmo que não tenha tido esses conteúdos na sua graduação, isso não o impede de buscar o conhecimento necessário para aplicar na escola.

Pimentel e colaboradores (2017, p. 108) veem os esportes de aventura como atividades alternativas a serem trabalhadas na Educação Física Escolar, para ele a atividade física alternativa significa uma forma organizada de se movimentar, que proporciona sensações e experiências novas.

Para Schwartz (2005) é necessário analisar o caráter educativo dos esportes de aventura. Visto que:

o potencial educativo dessas atividades de aventura junto à natureza parece ser muito extenso, principalmente porque facilita situações educativas em experiências pouco habituais para os participantes, possuindo um forte caráter motivador, carregadas de emoção, de significado e de intenção (PEREIRA E MONTEIRO, 1995 apud SCHWARTZ, 2005).

O termo “esporte de aventura” não é utilizado por todos autores, Dias, Alves, Junior (2006, apud DARIDO et al, 2016):

Ainda não há um consenso acadêmico sobre a adoção de um termo específico para designar e caracterizar essas práticas. Por isso, elas ora são denominadas de esportes de aventura, atividades de aventura, atividades físicas de aventura na natureza, entre outros.

Franco, Cavasini e Darido (2014, apud DARIDO e COLABORADORES, 2016, p.6) defendem que a nomenclatura “Práticas Corporais de Aventura” (PCAs) oferecem um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares”:

As PCAs podem ser entendidas como manifestações realizadas em meio natural, urbano ou mesmo artificiais, tendo como principal característica envolver risco controlado. São vivências realizadas há muito tempo e até mesmo como forma de sobrevivência (CANTORANI, PILLATI, 2005 apud DARIDO et al, 2016, p. 6).

A Base Nacional Comum Curricular para o ensino fundamental divide os conteúdos em unidades temáticas e as PCAs passam a ser uma dessas unidades, são elas: brincadeiras e jogos, dança, lutas, ginástica, esporte e as práticas corporais de aventura.

Na unidade temática Práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. (2016 p. 176)

Para o presente trabalho será utilizada a nomenclatura Esportes de Aventura.

Franco (2010), citado por Santos et al (2014), defende que é possível oferecer mais um conhecimento na escola, cujas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam emocionalmente e significativamente um jovem estudante. Para Freitas et al (2016):

PCAs apresentaram possibilidades de inserção no contexto escolar, mesmo que de maneira adaptada. Por serem manifestações corporais que fazem parte da cultura corporal de movimento, é necessário introduzi-las de forma adequada no contexto das aulas de Educação Física, ampliando as possibilidades pedagógicas desse componente curricular, além de aumentarem a variedade de conteúdos da Educação Física, proporcionando aos alunos sensações e emoções diversificadas e, ainda, possuírem valores atrelados a elas.

A satisfação nas aulas de Educação Física Escolar é algo bem pessoal, vai muito da percepção e dos interesses de cada um, porém é possível que a Educação Física se torne atraente para os alunos. Rangel-Betti (1992, apud DARIDO, 2004, p.62-63) procurou analisar as expectativas dos alunos em relação as aulas de Educação Física, resultados esses que “mostraram que os alunos identificam o professor como o principal responsável pelo gostar ou não da disciplina”.

Os Professores devem estar atentos ao envolvimento da turma, nas aulas, buscando estratégias para atrair a turma, “para fazer de suas aulas um momento saudável e prazeroso para os alunos” (DARIDO, 2004, p.62). Para Nista-Piccolo e Moreira (2012, p.56) o professor conhece as expectativas de seus alunos, assim ele pode propor em suas aulas, atividades variadas usando de estratégias metodológicas que sejam além do futebol, e explorando atividades que muitas vezes ficam de lado no planejamento. Para Alves (2007):

Diversos fatores são destacados como "desmotivantes" da prática da educação física, entre eles: a metodologia de ensino, conteúdos, relacionamento

professor-aluno, além de outros, que ocorrem com menos frequência, mas que também são fatores importantes.

É importante que os alunos se sintam motivados para as aulas de Educação Física, e possam assim participar das aulas, vivenciar os benefícios e suas possibilidades. Motivação não é o significado de satisfação, para o Dicionário Aurélio a motivação é “ o impulso que faz com que as pessoas ajam para atingir seus objetivos”, e a satisfação está relacionada ao “prazer resultante daquilo que se espera ou se deseja”.

Cratty relata que a motivação possui fatores e processos, que levam as pessoas a realizar ou não determinada ação, pode-se dizer que os motivos estão relacionados a razões quando se escolhe ou não realizar tal tarefa (1984, apud MARZINEK, 2004, p. 11-12).

Assim é importante motivar os alunos, com aulas dinâmicas, conteúdos diversos, para que torne as aulas prazerosas e assim, seja possível alcançar a maioria da turma, participando, compreendendo as aulas de Educação Física Escolar.

3.3 Slackline.

O Slackline significa “linha folgada” é um esporte que consiste em equilibrar-se em cima de uma fita suspensa entre dois pontos fixos. Seu objetivo é atravessar esse percurso se equilibrando, possibilitando treinar o corpo, melhorar o equilíbrio e concentração (HEIFRICH et al. 2012 apud BARROS, 2015).

Em relação ao surgimento do slackline, não se tem uma origem exata, não há informações concretas sobre quem o inventou. Acreditasse que o Slackline tenha por volta de 34 anos de existência (GRANZOTO, 2015, p.3).

Há duas vertentes a respeito da origem do Slackline. A primeira se refere a arte circense, “atividades que os artistas que utilizam uma “corda bamba” no picadeiro como forma de ter equilíbrio e realizar diversos movimentos acrobáticos em seus respectivos espetáculos no período da renascença” (CÁSSARO, 2011, p. 25).

Outra vertente aponta que o Slackline tem origem nos escaladores. Para Cardozo e Neto (2010, apud CÁSSARO, 2011, p.25):

O slackline surgiu no início de 1980 com o escalador Adam Grosowsky, na Califórnia, que, em 1983, acompanhado de Jeff Ellington, decidiu ancorar uma “fita de escalada de seu equipamento em dois pontos distantes na posição horizontal no “Lost Arrow Spire” a 3000 metros de altura, no entanto não se

arriscaram a executar a travessia. Em 1985, Scott Balcom realizou a travessia da, já famosa, linha de slackline.

Em seu trabalho CASSARO (2011, p.25) faz menção a respeito do surgimento do Slackline, na década de 80, como uma alternativa encontrada pelos escaladores que por um momento climático, não podiam realizar a escalada, esticaram suas fitas e as fixaram em pontos opostos e descobriram que através dessa prática, tinha melhor desempenho na escalada.

A fita do Slackline tem entre 2,5 cm até 5cm de largura, é colocada em diferentes alturas, e também com diferentes tensões e distancias, o que vai definir essas características será a modalidade do Slackline a ser praticada. Praticas essas que podem ser terrestres, aquáticas e até mesmo aéreas. O slackline é considerado um esporte pela Confederação Internacional de Esportes Radicais, existe a Federação Mundial de Slackline (WSFed), além de federações estaduais.

As divisões de categorias do esporte são entendidas de maneiras distintas, os autores não necessariamente veem as divisões como únicas e universais, há uma certa diferença encontrada na literatura, a respeito das modalidades, elas levam em conta o comprimento da fita, o lugar em que é praticado, tipos de manobras dentre outras possibilidades. Como veremos a seguir.

Para Granzoto (2015, p.4) o Slackline é subdividido em 5 modalidades shortline, trickline, longline, highline, waterline, além de 3 modalidades criadas para atender um a público específico como é o caso do spaceline, yoga line e jump line. Vejamos as características dessas modalidades:

- Shortline: alturas abaixo de 30 cm, indicado para iniciantes.
- Trickline: praticada acima de 30 centímetros, possibilita a execução de manobras.
- Longline: ocorre com distancias superiores a 30 metros, praticado por praticantes com experiência.
- Highline: praticado em alturas superiores a 10 metros de altura nessa modalidade uma cadeirinha presa à fita.

- Waterline: sobre a água com a execução de manobras.
- Spaceline: não tem uma altura fixa porém seu diferencial e que são 3 fitas tensionadas e ligadas uma na outra dificultando ainda mais o equilíbrio dos outros dois praticantes.
- Yoga line: realizado em baixas alturas, foco são a realização de meditação e relaxamento.
- Jump line: tem referência no trickline cujo objetivo é a realização de saltos variados.

O Slackline Brasil (2011, apud CÁSSARO, 2011, p.26-27), a divisão das modalidades é bem semelhante a citada por Granzoto (2015, 3-4) tendo o shortline, longline, highline, waterline, trickline, yoga slackline e o jumpline nessa divisão eles não consideram o spaceline como modalidade. Outra divisão das modalidades é apontada por Bartholdo e Andrade (2012, apud BARROS, 2015), onde vemos que algumas já citadas permanecem como o shortline, longline, highline, waterline, trickline, o slackline é visto também como modalidade além da modalidade baseline (realizada por paraquedistas, variação do highline).

O slackline tem se tornado cada vez mais popular no Brasil, cidades como no Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza dentre muitas outras, possuem inclusive campeonatos regionais e estaduais. É um esporte que não requer de tanto equipamentos, nem de um espaço amplo, o que o torna acessível para a grande maioria da população. Segundo Almeida, Martineli (2015), se utiliza de habilidades motoras básicas, como andar e equilibrar-se, pode ser realizada em diversos locais, desde que haja dois pontos de fixação da fita.

Segundo Maschião e Pereira (2012) é necessário ajustar os estímulos às expectativas e níveis de conhecimento aos interesses dos alunos, dinamizando as vias de comunicação para despertar uma aprendizagem adequada. O slackline por sua característica de exercício físico e concentração mental conduz a essas relações de aprendizagem.

O slackline é uma pratica rica em elementos educacionais e sociais de interação além de proporcionar atividades desafiadoras capazes de elevar os índices de motivação do aluno (BETRÁN, 2006 apud PIMENTEL et al, 2017, p.189).

A prática do slackline consiste em caminhar sobre a fita, buscando manter o equilíbrio, evitando as quedas, para isso é utilizado o corpo como um todo em busca desse equilíbrio, é sugerido que manter os pés alinhados a fita, joelhos semiflexionados, postura ereta do tronco e da cabeça, braços estendidos com abdução de ombro e olhar para um ponto fixo. (PEREIRA e MASCHIÃO, 2012 s/p).

Buscar o controle corporal na prática do slackline é fundamental para conseguir chegar ao objetivo, no que se refere a conseguir caminhar na fita. Para Almeida e Martineli (2015, s/p) a posição dos pés permite ao indivíduo uma maior distribuição de peso e percepção sensorial da fita, a posição dos joelhos possibilita a tensão muscular e controla o centro de massa, já a postura do tronco e dos braços visa à manutenção do equilíbrio, bem como, a recuperação ao desequilibrar-se.

A prática do slackline proporciona benefícios que vão desde o equilíbrio, postura, concentração até benefícios psicológicos. Como afirma Almeida e Martineli (2015, s/p):

Na prática do slackline, é possível verificar contribuições psicomotoras como fortalecimento muscular da região pélvica e dos membros inferiores, fortalecimento das articulações do quadril, joelho e tornozelo, melhora do sistema vestibular, aumento da concentração e consciência corporal. Estudos também apontam benefícios relacionados ao aumento da autoestima, superação de desafios, ajuda ao próximo, encorajamento e companheirismo.

Pfusterschmied e colaboradores (2013, apud PEREIRA 2013, p.227) afirma que quatro semanas de treinamento em Slackline melhora a estabilidade postural do praticante. A prática do Slackline pela possibilidade de desafios, favorece diretamente na motivação dos praticantes (POLI et al 2012, apud PEREIRA 2013. p 227). Através da pratica do Slackline é possível trabalhar de forma mais ampla habilidades como coordenação, equilíbrios, força.

3.4 Equilíbrio.

Segundo Bueno (1998, apud LIMA et al, 2001,p. 84) “o equilíbrio é a noção e distribuição do peso em relação a um espaço, tempo e eixo e gravidade, constituindo a base de toda a coordenação dinâmica global, podendo ser estático ou dinâmico.”

Gallahue e Ozmun (2005, apud PEREIRA E MASCHIÃO, 2012, s/p) Maschião) definem o equilíbrio como sendo “a qualidade física conseguida por uma combinação de ações musculares com objetivo de assumir e sustentar o corpo sobre uma

base contra a lei da gravidade”. O equilíbrio dinâmico fornece informações sobre o nosso movimento no espaço e o componente estático que nos diz se a nossa cabeça está na posição vertical normal (SILVERTHORN, 2010, p 362). Podemos pensar que o equilíbrio dinâmico se refere quando estamos em movimento e o equilíbrio estático, quando estamos parados.

Buscar manter o equilíbrio é fundamental para a prática do slackline, visto que o objetivo central do esporte é equilibra-se sobre uma fita. Cássaro (2011, p.28) ressalta que na pratica do slackline é desenvolvido o equilíbrio dinâmico e o corpo como um todo, visto que se trabalha com o centro de gravidade.

Keller et al (2012, apud PERREIRA, 2013, p. 227) acreditam que:

O Slackline parece ser mais efetivo do que outras estimulações de equilíbrio, porque há mais movimentação lateral que deve ser suportada pelo joelho do que em exercícios com pranchas de equilíbrio e ainda há uma necessidade de controle muscular simultâneo das articulações do quadril, joelho e tornozelo.

A configuração do sistema de equilíbrio do indivíduo no slackline é dada pela combinação dos pontos de ancoragem da fita, dos pontos de apoio do indivíduo sobre a fita e do centro de massa alinhados pela força da gravidade (KELLER, 2012 apud BARROS, 2015, s/p). Para Barros (2015) “durante a execução no slackline há uma relação direta entre a dinâmica corporal e a dinâmica externa proporcionada pela fita que se move em resposta à aplicação de forças e ao desequilíbrio do corpo”. E no Slackline ocorre uma grande variação em relação a fita, no que se refere a tensão que ela se encontra, como visto anteriormente, as modalidades, tem variações quanto distancia de ancoragem da fita, e também em relação a altura que a fita será posta. Sendo assim ela pode estar mais estável como na modalidade shortline, ou como no longline onde ocorre mais balanço, por conta de distância da ancoragem tornando-a mais difícil de equilibra-se.

4. MÉTODO

4.1 Tipo de pesquisa e ação

Trata-se de uma pesquisa com intervenção de cunho qualitativo. Uma pesquisa qualitativa não busca medir ou numerar os resultados nem empregar instrumentos estatísticos para sua análise de dados. O estudo é realizado pela obtenção de dados descritivos e/ ou visuais onde o pesquisador tem um contato direto com a situação estudada (GODOY, 1995).

A metodologia utilizada foi da pesquisa-ação, nesse sentido essa pesquisa apresentará uma interação do pesquisador e das pessoas implicadas na pesquisa, com o objetivo também, de modificar a maneira que os alunos veem as aulas de Educação Física e que, por meio da pesquisa eles possam mudar sua atitude diante das aulas (GAYA, 2008).

Para Tripp (2005) “a pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica”.

A coleta dos dados foi realizada por meio de roda de conversa e dados visuais registrados por fotos e vídeos por meio do aparelho celular, método esse que se enquadra dentro da pesquisa qualitativa (MAYRING, 2002 apud GÜNTHER, 2006).

4.2 Participantes

Participantes foram adolescentes matriculados em uma Escola Pública de Fortaleza, cursando o 2º ano do Ensino Médio no turno da manhã, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Renato Braga, localizada na Av. Rui Barbosa, 2000 no Bairro Joaquim Távora, as turmas tinham no total 124 alunos matriculados, divididos em três turmas, duas turmas com 42 alunos e uma com 40 alunos.

4.3 Materiais

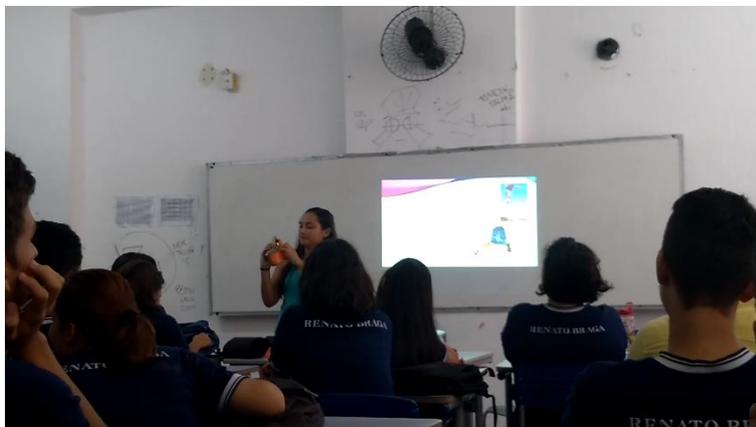
Foi utilizado uma fita de Slackline, slides e vídeos sobre a modalidade, data show, raquete e bolinha de frescobol, cones, bastões e pé de lata (aparelho confeccionado com barbante, latas de leite e eva).

4.4 Procedimentos

Foram realizadas quatro aulas com cada turma, a primeira aula teórica e demais foram aulas práticas. Os registros foram realizados por meio de aparelho celular. A análise de dados foi realizada a partir dos registros das aulas e das rodas de conversa com toda a turma.

5. DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO.

O primeiro contato com o tema foi por meio de uma roda de conversa, onde eles puderam falar o que conheciam a respeito dos Esportes de Aventura e sobre o Slackline. Nesse momento, falaram também sobre a participação e a visão deles sobre as aulas de Educação Física Escolar e nesse momento expliquei o projeto e como seriam as aulas seguintes. No segundo momento realizei uma aula teórica abordando o Slackline, onde foi apresentado os conceitos, o histórico, as modalidades, além de vídeos demonstrando a pratica do esporte.



A segunda aula foi prática, realizei atividades para trabalhar o equilíbrio estático, dinâmico e concentração dos alunos, sem utilizar a fita armada do Slackline, as atividades foram realizadas em um espaço da escola próximo a entrada, por que choveu e sempre que isso acontece a quadra fica bastante molhada. Começamos com o alongamento, em seguida realizei o jogo do equilíbrio onde os alunos formaram duplas e se espalharam pelo espaço, posicionados frente a frente ao seu colega de dupla e com a mão direita segurando a mão direita do colega da frente (as mãos ficam cruzadas) e a mão esquerda levando a perna do colega até o ângulo confortável para ambos, dessa forma

cada um ficou com apenas um apoio ao solo. O objetivo foi manter o equilíbrio nessa posição, no primeiro momento os colegas trabalhavam juntos para manter o equilíbrio, em seguida eles tentariam desequilibrar um pouco o colega.

A segunda atividade foi o jogo dos bastões, nesse momento a turma foi dividida em dois grupos pois não tinha material suficiente para que todos realizassem ao mesmo tempo, a turma ficou posicionada em círculo cada um segurando um bastão na posição vertical com uma das pontas do bastão apoiadas no solo, ao meu sinal (som do apito), eles tinham que soltar o bastão (ainda na posição vertical) e seguir para a posição do colega que estava a sua direita e segurar o bastão que estava nessa posição antes que ele caísse ao chão, quem deixasse o bastão cair estava fora até só restar uma pessoa (como se fosse a brincadeira das cadeiras) quando finalizei com o primeiro grupo, os alunos que estavam aguardando foram fazer a atividade .

A última atividade foi um circuito com três estações, a turma foi dividida em duas fileiras para passar pelas estações, a primeira consistiu em caminhar equilibrando uma bolinha na raquete de frescobol, passando pelos cones. A segunda estação os alunos tiveram que caminhar sobre um brinquedo confeccionado com matérias reciclados é o pé de lata (confeccionado com latas vazias, barbante e eva) nessa etapa os alunos caminharam com as latas sob os pés, trabalhando assim o equilíbrio no percurso marcado pelos cones, a última estação consistiu em caminhar sobre a fita do slackline como se ela estivesse armada, caminhando com os joelhos semi flexionados, coluna reta e braços elevados na altura no ombro finalizando assim as estações.





Na terceira aula, os alunos tiveram contato com a fita do Slackline armada para a prática do esporte, foi realizado dois educativos sobre a fita. No primeiro os alunos tiveram como objetivo tentar ficar equilibrado na fita sem cair, foi repassado para eles que deveriam subir com a perna do lado mais forte, o lado que geralmente eles tinham mais facilidade de realizar tarefas, em seguida tentar manter a coluna mais reta e olhar para um ponto fixo a frente, evitar olhar para baixo e utilizar os braços na altura do ombro para ajudar no equilíbrio juntamente com a outra perna, que também ajuda a manter-se equilibrado. Em seguida o próximo objetivo foi de tentar caminhar sobre a fita, além das informações anteriores sobre como se manter em equilíbrio na fita foi passado também para os alunos, que para caminhar eles deveriam aguardar a fita estar o mais estável possível, para só então dar os passos sobre a fita. Em todos os momentos o professor estava acompanhando a turma e se o aluno desejasse tinha auxílio.





Na quarta e última aula também foi utilizada a fita do Slackline, os alunos puderam praticar livremente na fita, apesar de ser uma pratica livre, em todos os momentos da aula estive presente para dar suporte e auxiliar o aluno quando ele estava inseguro ou até mesmo para passar segurança para o aluno. E sempre atenta ao desempenho dos alunos.



Ao termino de cada uma das três aulas, foram realizadas rodas de conversa, em que os alunos podiam conversar sobre as experiências vividas na aula, e comentar sobre as práticas no Slackline, sua participação nas aulas, suas sensações.

As aulas foram registradas por meio de vídeos e fotos no aparelho celular, os registros foram feitos pelo Professor da escola e também por um colega da graduação que se dispôs a ajudar com os registros da pesquisa.

6. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para identificar as turmas serão utilizadas as letras do alfabeto: “A” para a turma da primeira aula, “B” para a turma da segunda aula e “C” para a turma da última aula. A identificação será por turma e não individualmente pois se torna mais palpável essa análise por turmas, principalmente pela quantidade de alunos em cada turma e pela frequência dos alunos nas aulas.

6.1. Adesão dos alunos durante as aulas.

No primeiro contato com as turmas os alunos a princípio reclamaram por não ser uma aula pratica, mas logo que comecei a explicar do que se tratava e dar início a roda de conversa eles foram se envolvendo aos poucos e começaram a participar com relatos de suas experiências, curiosidades e dúvidas sobre o esporte. Esse primeiro contato foi tranquilo e bem satisfatório pois pude constatar o conhecimento prévio da turma sobre o slackline. Nesse primeiro momento foi trabalhado a dimensão conceitual, que segundo Darido (2005) é onde os alunos conhecem a história e as mudanças que esporte sofreu, como executar os movimentos para a futura pratica. Nesse primeiro contato a turma mais participativa foi a turma C, foi a que mais interagiu.

A partir da segunda aula os encontros passaram a ser práticos, foram trabalhadas nas aulas as dimensões procedimentais e atitudinais dos conteúdos, onde os alunos passaram a vivenciar o esporte, os movimentos além de colocar em pratica o respeito aos colegas e professores, a apoiar e motivar os colegas também. (DARIDO, 2005). Nosso segundo encontro foi com atividades de equilíbrio, a maior parte dos alunos de ambas as turmas se envolveram nas atividades, apenas na turma C a realização da atividade de circuito houve pouca adesão.

No terceiro encontro do projeto foi, em quadra para a pratica do slackline, com a turma A houve pouca participação, alunos que nunca tiveram contato com o esporte e alguns subiram na fita várias vezes para praticar outros apenas vivenciaram e não tiveram interesse em tentar mais vezes, inclusive uma aluna que tinha receio de subir na fita, subiu e ficou praticando também. Com a turma B a participação dos alunos foi um pouco maior que a turma anterior, parte da turma permaneceu em quadra sentados alguns observando os colegas que participam, outros dispersos, em contrapartida os poucos que participaram mostraram interesse e inclusive algumas meninas, já um grupo de meninos

que estavam sentados ficavam falando que queriam jogar futsal. A adesão dos alunos da turma C em relação a quantidade foi similar a turma B, nessa turma a adesão de meninas foi maior que nas turmas anteriores, inclusive uma das alunas já tinha praticado o esporte anteriormente. Os alunos que estavam realizando a prática fizeram um rodízio e subiram várias vezes na fita, com essa turma alguns alunos queriam continuar praticando mesmo após o fim da aula, mas havia também um grupo de alunos que assim como na turma B também ficavam falando que queriam jogar futsal.

No último encontro houveram resistências por parte de alguns alunos das três turmas pois queriam jogar futsal. Com a turma A apesar das resistências algumas alunas que não tinham participado anteriormente tentaram pelo menos uma vez e poucos alunos ficaram praticando realmente, nessa turma houve um aluno que mostrou muito interesse e o mesmo ficou praticando várias vezes. Já com a turma B apenas 4 alunos foram realizar a prática os demais estavam espalhados ao redor da quadra, alguns pedindo a bola do futsal. Com a última turma também houve pouca adesão dos alunos, como na turma A um aluno mostrou muito interesse e também ficou praticando, nessa turma também havia um grupo de meninos que queriam jogar futsal.

Foi nítido que o futsal é a prática mais rotineira e desejada por boa parte dos alunos, diferente do resultado encontrado na pesquisa de Darido (2004) em que seu objetivo foi encontrar os motivos pelos quais os alunos não participavam das aulas de Educação Física em escolas da cidade de Rio Claro, onde os alunos relataram como motivo de descontentamento o fato de não haver aulas diferentes, necessitavam de variações como músicas e outros esportes.

Diferente dos alunos das escolas de Rio Claro trazer um esporte diferente e novo para grande maioria não foi tão atrativo. Para os participantes de Fortaleza, acredito que o fato de serem aulas seguidas com mesma temática e assim não ocorrer o que eles já estão habituados e gostam de fazer que é jogar futsal durante as aulas de Educação Física, foi o maior motivo para não participarem efetivamente, até mesmo porque em todas as turmas a prática nas aulas é em sua maioria apenas pelo grupo que joga futsal, em algumas aulas quando ocorre o vôlei tem-se outros alunos participando, além do fato de que existe outro grupo de alunos que não participa das aulas práticas e apenas observam.

Apesar da resistência dos alunos é importante ressaltar o que defende Franco, Cavasini e Darido (2014) que para incluir os esportes de aventura dentro da escola é preciso superar as barreiras que foram construídas ao longo do tempo, como a tradição

das práticas esportivas, até porque as experiências proporcionadas pelos esportes de aventura mesmo que sejam adaptadas podem estimular as emoções dos alunos e por meio dos desafios e superação proporcionar experiências únicas.

Vale ressaltar que apesar dos relatos de alguns alunos em relação a desejarem a prática do futsal como motivo para não participarem das aulas com o slackline, podemos considerar também que outros não participaram por medo e até mesmo vergonha de realizar as atividades na frente dos colegas.

6.2 Capacidade dos alunos em manter o equilíbrio na fita.

Durante o projeto houveram duas aulas com cada turma para a prática no slackline, alguns alunos mostraram interesse em praticar e a cada evolução eles sentiam mais vontade de tentar e subiam novamente na fita. Com a turma A de 5 a 6 alunos conseguiram manter-se em equilíbrio na fita, inclusive nessa turma um aluno que praticou várias vezes conseguiu dar passos no slackline. Na turma B foi observado que alguns alunos conseguiam equilibra-se na fita, mas nessa turma nenhum aluno deu passos sobre o slackline, nessa turma não houve tanto interesse em praticar como na turma anterior.

Com a turma C os alunos mostraram facilidade de equilíbrio na fita, principalmente as meninas que conseguiram equilibra-se com mais facilidade que os meninos. A facilidade de equilíbrio das meninas em relação aos meninos ocorre por conta de fatores biológicos, devido a distribuição de massa e especificidades morfológicas que favorecem o gênero feminino (LEMOS, TEIXEIRA E MOTA, 2009, p.85). Assim como na turma A apenas um menino conseguiu dar passos sobre a fita.

Foi nítido que os alunos que demonstraram mais motivação para a prática, obtiveram melhores resultados, foram também os que se destacaram e conseguiram inclusive caminhar na fita. Na prática do slackline a motivação é fundamental, por se tratar de um esporte que requer que você realize várias tentativas para se adaptar e realizar os movimentos. Para Schultz & Schultz (apud GONÇALVES e ALCHIERI, 2010, p. 126) a motivação é um processo psicológico básico que auxilia na compreensão das diferentes ações e escolhas individuais e é fator determinante no comportamento do indivíduo. Segundo Tadin e colaboradores a “motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico”. Guimarães e Boruchovitch (2004) em seu trabalho acreditam

que a motivação no contexto escolar é determinante na qualidade da aprendizagem e no desempenho do aluno, e que:

Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios.

Assim foi constatado que os alunos que demonstraram estar motivados e propuseram a realizar as práticas tiveram bons resultados e foram capazes não só de equilibra-se na fita como também andar sobre a mesma.

6.3 Satisfação dos escolares.

Ao final de cada aula ocorreram rodas de conversa para saber a opinião dos alunos em relação as atividades realizadas no dia e na última aula, conversamos a respeito do que acharam do projeto como um todo. Uma fala recorrente entre os participantes foi que o slackline é uma modalidade difícil, mas muito desafiadora, outros acharam fácil, divertida, legal e encorajadora. Para outros a pratica além de difícil foi agonizante e até perigosa.

Segundo o dicionário a motivação pode ser entendida como despertar o interesse por algo, já a satisfação é o prazer resultante da realização daquilo que se espera ou do se deseja. Como vimos no decorrer do trabalho uma parte dos alunos não mostrou interesse para realizar as práticas, conseqüentemente não houve o prazer, não houve a satisfação na realização das atividades, como no relato da uma aluna da turma B que afirmou que sua experiência não foi prazerosa ela disse: “não gostei, é perigoso e prefiro jogar vôlei”, vale ressaltar que essa aluna participou apenas uma vez das aulas práticas ela em todo processo estava apenas em quadra.

López (2001 apud FOLLE et al 2005) acredita que a satisfação e insatisfação dos alunos é um estado psicológico que é expresso pelo resultado de vivencias afetivas sejam elas agradáveis ou desagradáveis.

Para Breton (2009) a satisfação é difícil de ser partilhada, ela permanece íntima, para ele os esportes radicais têm seu fim em si mesmo, no prazer e na emoção que ele provoca.

A aluna da turma B disse: “Acho a proposta legal e divertida, mas não para a aula de educação física porque é só uma aula por semana e quando chove não tem aula na quadra e eu gosto é de jogar futebol ”. Ainda na turma B outro aluno deixou bem explícito “prefiro jogar futebol”. E com a turma C não foi diferente para alguns foi divertido e fora do comum, porém para a maioria principalmente os meninos disseram que preferem jogar futebol.

O futebol e futsal são os esportes com mais praticantes no Brasil, ele é bastante popular devido as suas condições de pratica, espaços reduzidos e o material necessário e quando o mesmo é inserido na escola as crianças e adolescentes demonstram-se motivadas à sua prática (CAMARGO, HIROTA e VERARDI, 2008, p.54). Os alunos acabam por associar as aulas de educação física muitas vezes apenas com o futebol e futsal, já estão acostumados a realizar essa pratica na maioria das aulas, já faz parte da rotina da escola, onde mesmo que sejam levados outros conteúdos para que eles participem é necessário deixar alguns minutos nas aulas apenas para o futsal e futebol. A hegemonia do esporte nas aulas de educação física foi comprovada também por Pereira e Silva (2004) em uma pesquisa com escolares de escolas no Rio Grande do Sul onde o futsal tem maior destaque para os alunos, seguido do vôlei.

Em contrapartida temos o relato de uma aluna da turma A: “Adorei, achei bem divertido, trabalha equilíbrio, atenção e é diferente do convencional porque nem carimba tem, os meninos só jogam futebol e vôlei”. Além de dois alunos da turma B que falaram: “gostei porque é divertido e fora do comum”.

Esses relatos foram de alunos que tiveram uma participação mais ativa nas aulas, acredito que por esse motivo obtiveram opiniões mais positivas a respeito da pratica do slackline. Tahara e Filho (2013) afirmam que “atividades podem gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas”. Foi o que ocorreu na pesquisa tivemos opiniões tanto positivas como negativas a respeito da pratica do slackline nas aulas de educação física. É importante que os alunos tenham vivencias diferentes, não fiquem restritos a pratica do futsal, devemos trabalhar outros conteúdos da cultura corporal do movimento.

7. CONCLUSÃO

É preciso trabalhar os diversos conteúdos da cultura corporal nas aulas de educação física, precisamos estar preparados para ir além dos esportes coletivos. Sabemos das barreiras a serem enfrentadas principalmente porque vemos que o futsal é uma prática hegemônica nas aulas de educação física.

Levar a prática do slackline para dentro da escola foi uma experiência única, tanto para o professor como para os alunos. Podemos constatar que boa parte dos alunos participaram das aulas, interagiram nas conversas sobre o esporte, se propuseram a subir na fita, e alguns conseguiram não só se equilibra como também caminhar sobre o slackline.

Durante o processo acredito que a maior barreira enfrentada foram os alunos que desejavam a prática do futsal, porém até mesmo alguns desses alunos também participaram das aulas e assim a maioria pode sim vivenciar uma prática diferente do que estavam habituados.

A partir dos resultados encontrados na pesquisa, concluo que é possível sim trabalhar com o slackline na escola e também se desafiar a levar outros esportes de aventura. O professor de educação física é o responsável por levar as práticas diferenciadas, devemos estar preparados buscando conhecer as modalidades que pretendemos levar para as aulas. É possível também incluir os alunos nessas escolhas através de um planejamento participativo, onde os alunos podem sugerir as modalidades de interesse e assim quem sabe, até conseguir mais participação, além de tornar possível equilibrar os conteúdos das aulas, mantendo também a prática tão desejada por eles que é o futsal.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Eliane Maria de; MARTINELLI, Telma. **Contribuições do slackline para o desenvolvimento humano.** 2015. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd207/slackline-para-o-desenvolvimento-humano.htm>

Acessado em: 20/05/2017

ALVES, Janaina Carvalho. **O Desinteresse pela educação física escolar e a postura do educador físico.** In: 6º FÓRUM INTERNACIONAL DE ESPORTES, 2007, Florianópolis. Anais do 6º Fórum Internacional de Esportes, Florianópolis, 2007.

AURICCHIO, José Ricardo. **Escalada na Educação Física Escolar. Orientação adequada para a prática segura.** 2009. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm> Acessado

em: 12/05/2017

BARROS, Daniel Ferreira. **O slackline: do surgimento a evolução e seus benefícios,** 2015. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd202/o-slackline-do-surgimento-a-evolucao.htm> Acessado em: 05/06/2017

Base Nacional Comum Curricular, 2017, p. 171.

BRETON, David Le. **Conduas de Risco.** Editora Autores Associados Ltda. Campinas-São Paulo. 2009, p. 107

CAMARGO, Fausto Pupin; HIROTA, Vinicius Barroso; VERARDI, Carlos Eduardo Lopes. **Orientação motivacional na aprendizagem esportiva do futsal na escola.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2008, 7 (3): 54

CÁSSARO, E. R. **Atividades de Aventura: aproximações preliminares na rede municipal de ensino de Maringá.** Monografia (Pós-Graduação) Especialização em Educação Física na Educação Básica da Universidade Estadual de Londrina–UEL. Londrina, 2011, p.15-16,19

DA GRAÇA, Rômulo Luiz; ACCO, Luciane Lara; JÚNIOR, Antônio Alberto Lara. PIBID/Unisul/educação física: Intervenções Pedagógicas sob o olhar das atividades de aventura na escola. **Cadernos Acadêmicos**, v. 7, n. 2, p. 40- 41, 2015.

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 62-63, 2004

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos na educação física escolar. 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física Na Escola: Implicações Para a Prática Pedagógica** . Editora Guanabara Koogan, 2005 . **cap. 11** , p. 183-184.

DE FREITAS, Tamires Alvarado; RUFINO, Luiz Gustavo; TAHARA, Alexander Klain; DARIDO, Suraya Cristina. Avaliação da implementação de um programa de práticas corporais de aventura na educação física escolar. **Arquivos em Movimento**, 2016, p. 6, 10, 15.

FOLLE, Alexandra; POZZOBON, Maria Elizete; BRUM, Carina Fátima. Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física. **R. da Educação Física/UEM Maringá**, v. 16, n. 2, p. 147 2. sem. 2005.

FRANCO, Laercio Claro Pereira. Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo. 2008, p. 21- 22, 39-40

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo e DARIDO, Suraya Cristina. **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**. Livro 4: 4 Lutas, Capoeira e Práticas Corporais de Aventura. Maringá-Paraná, Eduem – Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014, p. 107.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 2006, 4ª edição, p. 24, 84.

GAYA, Adroaldo (org.). Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa. Porto Alegre, RS, Artmed Editora S.A., 2008, p. 113.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas São Paulo*, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GONÇALVES, Marina Pereira; ALCHIERI, João Carlos. Motivação à prática de atividades físicas: um estudo com praticantes não-atletas. *Ver. Psico-USF*, v. 15, n. 1, p.126, jan./abr. 2010

GRANZOTO, Joelson dos Santos. Slackline: uma abordagem sistematizada sobre o esporte. *Facider-Revista Científica*, 2015, p.3.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O Estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma Perspectiva da Teoria da Autodeterminação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2004, 17(2), p.143.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, p. 205.

LEMOS, Luiz FC; TEIXEIRA, Clarissa S; MOTA Carlos B. Uma revisão sobre centro de gravidade e equilíbrio corporal. *R. bras. Ci. e Mov* 2009;17(4), p. 85

LIMA, Cássia Borges; SECCO, Cibele Regina; MIVASIKE, Veronica Silva; GOBBI, Lilian Teresa Bucken. Equilíbrio dinâmico: influência das restrições ambientais. **Revista Brasileira de Cineantropometria de Desempenho Humano**, 2001, p. 84.

MARINHO, Alcyane. Natureza, tecnologia e esporte: novos rumos. **Conexões**, v. 1, n. 2, 1999, p. 68- 71.

MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo**, 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm> Acessado em: 20/05/2017

MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física**. 2004. 2004. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Católica de Brasília, Brasília, p. 11-12.

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo, Cortez Editora, 2012, 1ª Edição, p. 52-56, 62-66.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **SLACKLINE: Vivências acadêmicas na educação física. Motrivivência**, 2013, p.227.

PEREIRA, Dimitri Wuo; MASCHIÃO, João Marcelo. **Primeiros passos no slackline**. 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd169/primeiros-passos-no-slackline.htm> Acessado em: 20/05/2017

PEREIRA, Flávio Medeiros; SILVA, Adriane Correa da. Sobre os conteúdos da educação física no ensino. R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2. sem. 2004

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2013, p. 690 a 692.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; RETAMAL, Franklin Castillo; FERNANDES, Alessandra Vieira; NODA, Luana Mari; SILVA, Liége Matheus da; SANTOS, Silvana dos. ATIVIDADES ALTERNATIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Revista Educação Física UNIFAFIBE, Bebedouro/SP - Vol. V–setembro/2017, p. 180, 189.

SANTOS, Jarbas Pereira Santos; NUNES, Rômulo Eduardo Peres; REIS, Simone Pereira; MENDES, Marilda Teixeira. **Esportes e atividades de aventura como conteúdo das aulas de Educação Física**. 2014. Disponível em:

<http://www.efdeportes.com/efd190/atividades-de-aventura-como-conteudo-das-aulas.htm> Acessado em: 05/06/2017

SCHWARTZ, Gisele Maria et al. **Atividades de aventura na natureza: reflexões sobre lazer, turismo e ética**. Campo Grande, 2005, p. 29.

SILVERTHORN, Dee Unglaub. **Fisiologia Humana: Uma Abordagem Integrada**. 5ª Edição, S.A. Porto Alegre, RS, Artmed Editora, 2010, p 362.

TADIN, Ana Paula; RODRIGUES, José Alceu E.; DALSOQUIO, Paulo; GUABIRABA, Zenaide R.; MIRANDA, Isabella Tamine Parra. O conceito de motivação na teoria das relações humanas. *Maringa Management:Revista de Ciências Empresariais*, v. 2, n.1, p. 41, jan./jun. 2005.

TAHARA, Alexander Klein; FILHO, Sandro Carnicelli. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. *Arquivos de Ciências do Esporte*, 2013, p. 62 -63.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

9. APÊNDICE

Aula realizada dia 09/04/2018

PLANO DE AULA

ESCOLA: EEFM Renato Braga	
PROFESSORA: Eveline Gomes	ANO: 2018
DISCIPLINA: Educação Física	DATA: 09/04

TURMA: A, B e C	DIA/MÊS: 09/04	AULA: 1,2 e 3
------------------------	-----------------------	----------------------

OBJETIVO
<ul style="list-style-type: none"> - Roda de conversa sobre o esporte Slackline para saber o que eles conhecem do esporte. - Apresentar o esporte Slackline para a turma, seu histórico, competições, atletas e curiosidades. Através de slides e vídeos.

CONTEÚDO
SLACKLINE: conhecendo o esporte.

METODOLOGIA	
<p>Atividade 01: Roda de Conversa: Nesse primeiro momento conversaremos a respeito do Slackline, para saber se a turma conhece o esporte e se já tiveram algum contato com o Slackline.</p>	
<div style="text-align: center;"></div> <p>Alguns alunos já viram o esporte pela tv e na praia. Três alunos já tiveram contato com o esporte antes. Apenas um aluno falou que nunca tinha ouvido falar do esporte.</p>	<div style="text-align: center;"></div> <p>Algumas conversas paralelas</p>
<p>Atividade 02: Apresentar o esporte por meio de uma aula teórica, onde serão abordados o histórico, as competições, modalidades, os atletas e as curiosidades a respeito do esporte. Serão utilizados slides e vídeos.</p>	

	
Os alunos no geral foram bem participativos.	Alguns alunos reclamaram por não ser aula prática.
RECURSOS	
- Slides, vídeos e data show.	

AVALIAÇÃO
A avaliação da aula será feita a partir das respostas dos alunos na roda de conversa para observar se os objetivos propostos foram alcançados e verificar se o nível de aprendizagem foi efetivo.

OBSERVAÇÃO

Anexo

Aula Teórica

SLACKLINE

O Slackline significa “linha folgada” ou “corda bamba” é um esporte que consiste em equilibrar-se em cima de uma fita suspensa entre dois pontos fixos. O objetivo é conseguir caminhar sobre a fita.

ORIGEM

- Registros apontam que a prática do Slackline começou em meados dos anos 80.
- Em Yosemite Valley, na Califórnia, Estados Unidos.
- Os alpinistas se divertiam aperfeiçoando técnicas de equilíbrio e de manobras sobre as cordas que utilizavam para escalar.

- Os praticantes criavam novas maneiras de explorar a fita e arriscavam travessias mais longas – surgia, então, um esporte, que de pronto se difundiu.

MODALIDADES

Slackline:

Trickline: mais famosa e mais importante para o esporte, consiste em uma série de acrobacias na fita.

Waterline: fita de slackline amarrada acima de um local com água. Vários campeonatos feitos nessa modalidade (as mesmas manobras do trickline).

Highline: é a modalidade mais perigosa a fita de slackline é posta a alturas extremas e o atleta deve caminhar toda a extensão dessa fita (são utilizados equipamentos de seguranças).

Longline: semelhante à modalidade anterior, porém, a altura da fita fica em alturas baixas ou medianas. O diferencial é o comprimento da fita que passa dos 30 metros.

Yogaline: sendo a modalidade mais “zen” de todas, a yogaline consiste na execução de posturas de yoga sobre a fita de Slackline, exige muita concentração.

No Brasil o esporte chegou em 1995 através dos escaladores, mas só começou a ganhar praticantes dez anos depois, a princípio nas praias do Rio de Janeiro e se espalhou pelo país.

BENEFÍCIOS

- Equilíbrio
- Concentração
- Melhora a postura
- Estimula as capacidades cognitivas

CURIOSIDADES

- Primeira travessia registrada em 1983, pelo montanhista americano Scott Balcom.
- Campeonato Mundial é realizado na modalidade Trickline.
- 2011 foi criado a World Slacklines Federation- WSFED com sede em Stuttgart, Alemanha.
- Gabriel Aglio - primeiro campeão brasileiro de Slackline em 2011
- Carlos Neto (brasileiro) - campeão mundial em 2013

- Felix Carreira (brasileiro naturalizado americano) - campeão mundial de 2014
- Pedro Rafael (cearense) – campeão mundial em 2015.
- Giovanna Petrucci - primeira mulher brasileira campeã mundial de Slackline 2015.
- Abraham Hernandez (Chileno) – 2017

VIDEOS:

campeonato mundial 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=ODsG6PiO7Fg>

<https://www.youtube.com/watch?v=CI-1K3jVP0E>

Campeonato Cearense:

<https://www.youtube.com/watch?v=inZZj9oCE9k>

Manobras:

<https://www.youtube.com/watch?v=lwE6FT8QqVc>

<https://www.youtube.com/watch?v=aVUH6XxQrko>

Aula realizada dia 07/05/2018

PLANO DE AULA

ESCOLA: EEFM Renato Braga	
PROFESSORA: Eveline Gomes	ANO: 2018
DISCIPLINA: Educação Física	DATA: 07/05

TURMA: A, B e C	DIA/MÊS: 07/05	AULA: 1, 2 e 3
------------------------	-----------------------	-----------------------

OBJETIVO

Realizar atividades diversas que trabalhem o equilíbrio estático e dinâmico dos alunos além da concentração.
--

CONTEÚDO

Jogos e circuitos com atividades de equilíbrio.

METODOLOGIA

Atividade 01: Jogo do equilíbrio: nessa atividade a turma será dividida em duplas, com as duplas formadas ficaram espalhados na quadra posicionados frente a frente com seu colega. A mão direita vai segurar na mão direita do colega (fica cruzada) e a perna oposta ao braço que cruzou vai ser erguida pela mão que está livre do colega de dupla. Assim cada um ficara com um único apoio ao solo ao mesmo tempo que terá uma mão segurando a mão do colega, assim o objetivo do jogo é manter o equilíbrio ao mesmo tempo que tenta desequilibrar o oponente.



Boa adesão das turmas



Dificuldade na atividade por causa da calça jeans.

Atividade 02: Jogo dos bastões: a turma em círculo cada um com um bastão posicionado a sua frente na vertical, ao sinal do professor a aluno soltara seu bastão e irá para a posição do colega ao lado (sentido horário) com o objetivo de segurar o bastão do colega antes que ele caia.



A atividade que eles consideraram a mais divertida.



Atividade 03: Circuito:

1ª estação: caminhar equilibrando uma bolinha sobre a raquete por entre os cones.

2ª estação: realizar o percurso marcado caminhando sobre o *pé de lata

3ª estação: caminhar sobre a fita do slackline no chão com os joelhos semiflexionados, com o bastão em posição horizontal apoiado sobre os ombros (simulando a posição de andar sobre a fita).

*pé de lata – aparelho confeccionado com barbante, latas de leite e eva.

	 A atividade que teve a menor adesão dos alunos.
Atividade 05: Roda de conversa para que eles possam avaliar e expor o que sentiram em relação a aula.	
	 Alguns alunos sem interesse de participar da aula.
RECURSOS	
Bastões, raquete e bolinha de frescobol, cones, pé de lata, fita de Slackline.	

AVALIAÇÃO

A avaliação da aula será feita a partir das respostas dos alunos na roda de conversa para observar se os objetivos propostos foram alcançados e verificar se o nível de aprendizagem foi efetivo.

OBSERVAÇÃO

Não se sentiram à vontade em realizar o circuito, mas falaram que gostaram das atividades anteriores principalmente a atividade dos bastões. Alguns alunos não participaram em momento algum da aula. Alguns alunos relataram que queria jogar futsal.

Aula realizada em 14/05/2018

PLANO DE AULA

ESCOLA: EEFM Renato Braga

PROFESSORA: Eveline Gomes

ANO: 2018

DISCIPLINA: Educação Física

DATA: 14/05

TURMA: A, B e C

DIA/MÊS: 14/05

AULA: 1, 2 e 3

OBJETIVO

Equilibrar e caminhar sobre a fita do Slackline.

CONTEÚDO

Aula prática com educativos para auxiliar o aluno a caminhar na fita do Slackline.

METODOLOGIA

Atividade 01: Tentar ficar por alguns segundos na fita somente mantendo o equilíbrio, nesse momento o aluno será orientado a usar a perna predominante (seu lado forte destro ou canhoto) na fita a outra perna e os braços irão auxiliar no equilíbrio sendo usados como pendulo, os braços semiflexionados acima da altura do ombro.



Aproximadamente metade das turmas participaram, alguns mostraram facilidade na atividade.



Alguns alunos queriam jogar futsal.

Atividade 02: Semelhante a atividade 01 porém nesse momento o aluno tentará caminhar, dar um ou mais passos na fita, para isso as instruções anteriores também serão passadas, porém para caminhar eles devem manter o equilíbrio e só dar o passo seguinte se sentir que a fita balança um pouco menos.

 Meninas mostraram facilidade em equilibrar-se na fita.	
Atividade 03: A partir desse momento os alunos ficaram livres para usar a fita e tentar equilibrar e caminhar, com o auxílio e o acompanhamento do professor.	
 Alguns já tentavam dar passos na fita, e queriam praticar mesmo depois que a aula acabou.	
Atividade 04: Roda de conversa para que eles possam avaliar e expor o que sentiram em relação ao projeto.	
 Gostaram da pratica, acharam difícil porque balança muito, mas também falaram que foi divertido, desafiador e encorajador.	 Alguns falaram que gostaria de jogar futsal.
RECURSOS	
Fita de Slackline	

AVALIAÇÃO
A avaliação será por meio de roda de conversa.

OBSERVAÇÃO

Aula realizada dia 21/05/2018

PLANO DE AULA

ESCOLA: EEFM Renato Braga	
PROFESSORA: Eveline Gomes	ANO: 2018
DISCIPLINA: Educação Física	DATA: 21/05

TURMA: A, B e C	DIA/MÊS: 21/05	AULA: 1, 2 e 3
------------------------	-----------------------	-----------------------

OBJETIVO
Equilibrar e caminhar sobre a fita do Slackline.

CONTEÚDO
Aula prática com auxílio do professor para treinar no Slackline.

METODOLOGIA	
Atividade 01: Nessa última aula os alunos ficaram livres para praticar no Slackline, com a supervisão e auxílio do professor.	
 <p>Houve uma redução da participação das turmas principalmente a turma B. Na turma A e C alguns alunos participaram, alguns que nunca tinham participado antes, e dois alunos conseguiram dar passos na fita.</p>	 <p>Alguns alunos pediam a bola do futsal e também de vôlei.</p>
Atividade 02: Roda de conversa para que eles possam avaliar e expor o que sentiram em relação ao projeto.	
	

RECURSOS

Fita do Slackline

AVALIAÇÃO

A avaliação será por meio de roda de conversa

OBSERVAÇÃO

Fala de alguns alunos:

Aluno 1 Turma A: *“Achei a proposta legal e divertida, mas não gosto que seja na aula de educação física porque é só uma aula por semana, e quando chove não tem aula, eu gosto é de jogar futsal”.*

Aluno 2 Turma A: *“Adorei, achei bem desafiador, trabalha equilíbrio, atenção e é bem diferente do convencional, porque nem carimba tem nas aulas eles só jogam futsal e vôlei”.*

Aluno 3 Turma B: *“Gostei, achei bem divertido e diferente”.*

Aluno 4 Turma B: *“Achei divertido e fora do comum”.*

Aluno 5 Turma B: *“Não gostei, é perigoso, prefiro jogar vôlei”.*

Aluno 6 Turma B: *“Prefiro jogar futebol”.*



Kit de slackline: fita, catraca, protetores e a corda.

Pé de lata: confeccionado com latas, cordas e eva.